

A REFORMA AGRÁRIA: UMA OPINIÃO

Apesar de antigo e discutido exaustivamente por gerações de intelectuais e políticos, o tema da reforma agrária jamais chegou a um consenso de nível popular, principalmente porque a terra e seus produtos formam os maiores resultantes sociais da nação, despertando grandes e diversificados interesses, advindos do conjunto de relações entre os espaços físicos e as pessoas que os ocupam.

Compreender a imensidade de tarefas que compõem uma reforma agrária seria o primeiro passo para sua realização. Desde a definição de seus marcos teóricos e ideológicos, encontramos um campo árduo e repleto de contradições, já que essa definição implica em tomada de decisões políticas que permeiam todos os poderes. E digamos que Executivo, Legislativo e Judiciário, atualmente, no Brasil formem blocos pouco coesos, lutando por suas próprias consolidações e com problemas profundos de organização interna.

Propiciar um novo equilíbrio, reformado, das relações terra/povo também passa pelo confronto de forças sociais conflitantes, independentes de Governo, que se debatem em áreas estratégicas de campos e cidades, numa disputa de assentamento de recursos humanos e materiais sobre as áreas em questão. Nesses casos, quase sempre, o poder se detém pela posse das armas e sua utilização, além dos instrumentos de articulação e manipulação da opinião pública e de elementos dos poderes constituídos.

Parece beirar o impossível, uma análise de benefícios trazidos por esse conjunto inicial de ações, frente aos custos sociais somados em cada passo, principalmente porque tudo deve ser encadeado num processo metodologicamente claro e pacífico.

A reforma agrária vem, ninguém duvida, mas do interior provêm os maiores receios, por suas dificuldades próprias e pelo sangue, que corre solto, com suas paixões e desvelos, com suas consequências trágicas extensivas a gerações su

cessivas. A justiça se faz representar pela dama de olhos ven
dados que carrega na mão uma balança de dois pratos. Qual des
ses pratos vai receber o peso da derrota?

Nesse jogo de forças terríveis, onde o próprio
Governo entra com um caixa limitado, urge uma imposição de de
gras que minimizem a influência dos cartéis econômicos, que a
postam alto e blefam muito. Essas regras são políticas e, num '
Brasil tão cheio de leis que não se cumprem, a busca de artifi-
cios diplomáticos e legais passa a ocupar um espaço conjuntural
muito grande.

Para compensar esses inevitáveis desequilíbrios
o Governo deverá concentrar esforços de capital e manifestar-se
publicamente a respeito de seu próprio CASH, ou seja, dizer quan-
to e como pretende aplicar em cada etapa da reforma. Obviamen-
te, também deverá dizer de onde vai tirar o dinheiro. Matar a
cobra e mostrar o pau.

Por um lado, essa reserva de capital é um ponto
de partida, por outro, é o único trunfo que o Estado tem nas
mangas, pois enquanto não se definem as linhas objetivas da a
ção governamental, outras necessidades de organização vão utili-
zando os recursos captados para o pacote agrário. Segurança '
Pública, subsídios para produção de alimentos, forças armadas e,
principalmente, as instituições financeiras nacionais, se forta
lecem nesses entretantos.

Num regime democrático como o nosso, os repre
sentantes de Estado têm que ser políticos extremamente háveis.
Historicamente, sempre possuímos um setor público pobre. Atual
mente, no Brasil, o poder econômico de Estado encontra-se divi
dido numa gama de empreendimentos considerados estratégicos e
vitais, diante de uma demanda social crescente para o qual deve-
riam estar sendo voltados todos os excedentes tributários e de
empresas governamentais. Essa pequena capacidade de investimen-
tos fica ainda menor se comparada ã do setor privado nacional e
multinacional, respaldados em bases financeiras de moedas mui
to mais fortes que a nossa. São os dólares internacionais, as

feras econômicas que devem ser domadas com chicotes bem curtos' e mantidas atreladas ao Direito Público. Fazer com que estrangeiros, pelo menos, obedeçam às leis dentro de nosso território.

Dá para entender porque nosso país precisa tanto de líderes políticos carismáticos. Nossos centros urbanos possuem forças sociais ainda pouco organizadas e os sertões têm tradições de resistência mistas de religiosidade, emoção, coisas meio utrapassadas para a linguagem desenvolvimentista e tecnológica atual. Nossas revoltas são quase insignificantes.

A socialização de bens é caminho inexorável da humanidade, apesar dos leões estarem sempre mostrando os dentes. Todo mundo vê. Muito mais difícil é indicar qual estrada a seguir mesmo porque somente existem picadas no meio de um mato cerrado, cheio de perigos. Tantas trilhas quantos candidatos a indicá-las e propagandear suas vantagens. Pouca gente é treinada para sobrevivência na selva, ainda mais quando surgem as onças e os enxames de mosquitos.

A Constituinte, no Brasil, vai ser um grande espetáculo, mistura de caldeirão de interesses com arena política. Puxando por esse gancho tropical, amazônico, puxando perto do coração, nosso Goiás, Pará, Mato Grosso, Maranhão, esses pequenos espaços ocupados por populações dispersas, indígenas miscigenadas, vale a pena refletir sobre direitos e pesos simbólicos dos homens que realmente vivem nas agruras dos confins.

Em primeiro lugar, nos direitos dos que se mantiveram vivos por milhares de anos, livres, equilibrados com o maior sistema ecológico do mundo. A Reforma Agrária deve ser iniciada, sem dúvida, em sua execução pelas terras indígenas e pela recuperação sócio-ecológica dessa terras. Somente esse trabalho seria suficiente para redimir o enorme peso genocídio a que vimos se afundar o planeta. A delimitação das áreas indígenas é prá lá de prioritária, o pacote está muito atrasado. Em segundo lugar, as terras dos matutos, dos misturados, dos que mantêm a posse da natureza com costumes e cultura bem próximos

aos nativos. Assim vindo, com critérios que garantam a preservação da propriedade para os que ancestralmente a detiveram, muita ciência e muito apoio tecnológico urbano circundando as áreas, desenvolvendo sem pressa e ouvindo muito o que seus habitantes têm a dizer e ensinar, até alcançarmos as periferias urbanas e recuperá-las.

Nunca mais os projetos esquizofrênicos de colonização que desrespeitam as manifestações mais antigas da forma de se viver no meio do cerrado, florestas e, pântanos, esses que visam milagres de progresso econômico que jamais se consolidam. Muito menos ainda deixar-se levar pela ânsia de destruição dos recursos naturais das regiões difíceis, morte humana, animal e vegetal descontroladas, em nome de conceitos nascidos a lêm-mar. Hoje a Europa está podre, irradiada, muito mais faminta do que sempre esteve. Americanos do norte parece que também já escolheram seu caminho, grandes produções que serão inevitavelmente enterradas sob o lixo atômico.

É claro, muito tiro no escuro cai ser dado, sair a campo é arriscar-se a levar chumbo sem saber de onde. O Brasil está precisando de homens corajosos, temperados na esperança e na disposição ao sacrifício. Mais do que heróis expedicionários, mais do que símbolos humanos que substituem pendões e armas em espaldares e fachada de prédios oficiais, mais do que representantes fotografados e colocados em gabinetes e salas de aula ostentando suas faixas.

Quem sabe de si, sabe dizer se é ou não um desses.

Enzo dos Santos Corasolla

4